



# CRIANÇA, FAMÍLIA, ESCOLA, QUE RELAÇÃO?



**T**odos os pais têm um projecto para os seus filhos quando chega a altura de as crianças irem para a escola. Este projecto não é o mesmo em todas as famílias. Os pais familiarizados com a escola e as suas práticas, e os pais vítimas de iliteracia, ou pouco familiarizados com a escola e as suas práticas, terão concepções, imagens e projectos diversos. E estes pré-conceitos (imagens) sobre a escola exercem, assim, desde logo, influência sobre a criança, nas expectativas, interesse, curiosidade, atitudes, objectivos...

As primeiras experiências vivenciadas pela criança levam-na a adquirir e a dominar "instrumentos culturais". De início a família é o suporte da criança, é ela que lhe satisfaz as necessidades básicas para além de ser a responsável pelo desenvolvimento das qualidades instrumentais (percepção, motricidade, linguagem). Algumas dessas aprendizagens sociais são a linguagem, a capacidade de relacionamento entre os objectos, os aconteci-

mentos ou as acções, etc. Cada criança está condicionada não só pelo seu património genético mas ainda pelas circunstâncias que rodearam a gestação, o parto e a sua vida extra-uterina; certos factores inatos e as variações do meio (meio activo em que os pais da criança agem, falam, jogam, estimulam e sancionam segundo os seus conhecimentos e aptidões em virtude de modelos culturais que escolhem, ou que a eles se impõem – a pobreza léxica, por exemplo, pode ter consequências directas sobre o sucesso escolar pois o ensino que temos baseia-se na transmissão verbal e apoia-se em aquisições extra-escolares, anteriores ou paralelas, nos domínios linguísticos e lógicos) poderão conduzir a comportamentos e atitudes anti-sociais, pois além da hereditariedade (valor absoluto da inteligência) há que ter em conta a hereditabilidade (grau variável na função da aprendizagem). Por outro lado, o condicionamento do meio social e a adaptação escolar são, em geral, insuficientes para justificar o sucesso e/o insucesso. O insucesso escolar

é bem mais complexo. Põe problemas vários, não só aos professores, como aos pais, aos pediatras, aos psicólogos e à própria política de desenvolvimento de um país. Na génese do insucesso temos três factores correlacionados – a criança, a família e a escola.

Todo o contexto sócio-económico, cultural e emotivo em que a criança se posiciona e move é importante, quer para a análise e a avaliação do seu desenvolvimento, quer para que se possa delinear qualquer intervenção. Limitarmo-nos às interacções família-criança sem agir sobre os sectores susceptíveis de influenciar o meio familiar (economia, horários de trabalho e transportes, condições de trabalho, respostas sociais, tempos livres...), é absolutamente insuficiente. Não podemos ver a criança fora da interacção sujeito-mundo com todos os contextos em relacionamento permanente.

A própria interpretação da relação mãe-criança tem hoje que ser encarada de outra forma, pois o pai assume tarefas que, outrora, eram da mãe, como por exemplo os cuidados prestados ao bebé; o emprego das mulheres retira-lhes tempo para consagrar à família, os equilíbrios alteram-se, a mãe assume outras funções e adquire poderes.

Sabemos também que o desenvolvimento físico, psíquico e social da criança depende em grande parte do seu relacionamento com os adultos e estes, não são só os da família. Porém, a análise das interacções no seio do grupo familiar é fundamental. Todo o nosso crescimento e desenvolvimento é influenciado pela vivência dos pais. A função dos pais é dinâmica (êxitos e fracassos), as práticas educativas vão-se transformando ao longo das inter-



acções da família com a criança.

A criança é um agente activo nessa interacção, capaz de modificar o seu ambiente, como ser modificado por ele. A família é uma fonte de ajuda activa para a criança se for "saudável", se for um grupo bem organizado e estável, onde o sistema de autoridade seja claro e aceitável, onde a comunicação seja aberta, e onde os membros exerçam controlo e apoio. É na família que se gera o prazer, a alegria que a criança sente à sua volta, indispensável ao seu desenvolvimento.

Quando a família não está "saudável", os padrões de autoridade estão alterados e as redes de comunicação e de distribuição dos papéis funcionais estão deteriorados, tornando-se difícil o controlo dos sentimentos negativos; o que leva ao aumento da angústia, da hostilidade, da violência. A falta de respeito entre os diversos elementos do grupo familiar, a intolerância, a agressividade, o desinteresse ou a superprotecção, marcam a personalidade da criança conduzindo-a a comportamentos "anormais" que

muitas vezes se reflectem nas atitudes face à escola.

Sabemos também que as famílias no mundo ocidental têm vindo a ser cada vez mais pequenas, as famílias alargadas são cada vez mais raras, surgindo novas formas de família, novos relacionamentos afectivos, entre pares do sexo oposto e, bem assim, do mesmo sexo.

Há duas décadas que a esperança de vida aumentou o que obrigatoriamente está a modificar algumas das relações intergeracionais no interior da família. Tios, tias e primos serão progressivamente familiares não preferenciais nas relações do dia-a-dia, o que levará a um retraimento das reacções colaterais e a uma maior dependência afectiva das crianças aos respectivos pais. Pais esses onde a mãe surge como a personagem essencial da família. Família onde a ruptura constitui(rá) um risco permanente com a necessidade de uma (re)definição de papéis no casal, em busca de equilíbrio do sistema familiar.



A busca da felicidade no casamento é hoje em dia uma norma social. Parece que caminhamos para a existência de uma família mais fluida, de um pacto conjugal mais frágil e de uma socialização mais difícil. Os filhos resultantes de uniões carregadas de afecto terão possivelmente dificuldade em ter bem definidas as expectativas e as satisfações. Vão ter desde bem cedo que "negociar" pequenos pactos com os pais: "À falta de critérios consolidados, estes hesitarão entre o permitido e o interdito, ou melhor, reduzirão o campo do interdito, com o que podem colocar em perigo a saúde da criança ou o seu sucesso escolar", Roussel (1992:174).

Como se sabe, o meio social exerce um efeito importante sobre o ritmo do desenvolvimento intelectual e, do ponto de vista ecológico, o meio (contexto ambiental) influencia o comportamento humano. Pode, por isso, admitir-se que no seio de uma mesma sociedade as estruturas de equilíbrio, da inteligência, são idênticas de uma cultura para outra

(de uma classe social para outra), o que pode variar é o ritmo de desenvolvimento e o grau de acabamento (operações formais).

Nos meios mais pobres (económica e culturalmente), os responsáveis pela educação e/ou os pais não dispõem muitas vezes de informação sobre as reformas e sobretudo naqueles que são alvo de exclusão social, vivendo em ambientes dominados pelo isolamento em relação às principais instituições e políticas, quantas vezes pela violência ou pela criminalidade, o fosso entre a cultura e os saberes transmitidos pela escola é cada vez maior.

Por outro lado, não nos podemos esquecer das crianças "com chave na mão" que ficam longos períodos do dia sozinhas ou com outras crianças, sem acompanhamento adequado.

Se bem que a família seja a influência mais precoce e mais forte para a criança em desenvolvimento, ela perdeu o "monopólio" da transmissão de valores, da informação, de atitudes, na educação. Hoje, há outros condicionantes, necessi-

dades, exigências, afectos e apoio. E de entre outros agentes na socialização está a escola.

A participação das famílias na vida da escola exige a "partilha do poder" (Marques, 1993:9) e este faz-se sentir nas tomadas de decisão que nem sempre são consensuais ou que nem sempre interessam a todos por igual.

Como já referido, há concepções diferentes, desejos diferentes para as crianças, se tivermos em conta as famílias; por isso, a escola tem que efectivamente abrir-se para a comunidade e esta estar preparada para entrar na escola no sentido de serem capazes de, em conjunto, proporem e implementar políticas educativas que tenham em conta a realidade social de cada comunidade. O que implica uma formação de professores diferente da que está a acontecer. E um apoio a estes maior e diferente, pondo-lhes à disposição ajudas nas áreas sociais, psicológica, etc.

É necessário incrementar o essencial, ou seja, o saber técnico, dominar bem a língua falada e escrita, os mecanismos necessários para o cálculo matemático, enfim, os saberes relativos às transmissões e aquisições de conhecimentos, mas a par destes também os da capacidade de saber ESTAR, LIDAR, CONVERSAR com as crianças, não ter medo de estar com as crianças. Mas, para não ter medo é preciso gostar do que se faz, estar bem preparado tecnicamente, saber impor respeito e saber respeitar, ter coerência nas suas práticas dentro e fora da sala de aula. E, sobretudo, que toda a escola (professores, educadores, auxiliares, administrativos, e outros técnicos como à frente se verá) interiorize e viva na prática as regras de funcionamento definidas e acordadas por todos. Os professores, como "agentes assistenci-





ais" da comunidade, têm papéis formais a desempenhar importantíssimos, partilhando as dificuldades com parceiros da comunidade e exigindo desta o desenvolvimento de suportes sociais nas áreas social, psicológica, material e de informação.

O suporte social faz parte de uma componente da intervenção comunitária tornando as intervenções mais concretas, específicas e de acordo com as necessidades. Mas, para que tal aconteça, é preciso que a escola se abra efectivamente à comunidade buscando em conjunto, em parceria activa com outras valências técnicas, as respostas necessárias às crianças da sua escola no sentido de melhorar os recursos assistenciais existentes na comunidade e reduzir as condições que nos levam a acreditar que são impeditivas do sucesso.

Só há sucesso quando todos trabalham para tal, quando somos capazes de sem medo e com respeito, partilharmos os nossos saberes, os nossos não saberes, as nossas angústias, mas também os nossos sucessos. Estando atentos a tudo o que se passa na escola e actuando em conformidade, com coerência e com respeito. E não estando à espera que o poder, seja ele dos serviços centrais, do director/a da escola ou outros poderes, actuem em nosso nome, sem terem vivenciado os sucessos e os insucessos.

Os fracassos escolares (abandonos e insucessos), o mal-estar dos professores, a agressão física e verbal existentes, a violência, ilus-

tram essa realidade. É nosso dever, obrigação e necessidade trabalharmos em conjunto.

A escola com o apoio da comunidade escolar e esta com o apoio da escola têm que trabalhar no sentido de levar os pais à escola. Pais e professores não têm que discutir se devem ou não colaborar, são obrigados a isso, todos estão ligados a tarefas comuns, "criar" as mesmas crianças. A escola nada pode sem a ajuda e o apoio contínuo, mas não incondicional dos pais, cuja educação é uma das condições da boa adaptação escolar dos filhos.

o "(...) desenvolvimento de parcerias pais-comunidade-escola" com vista a ter "(...) como ponto de partida a atitude de pensar globalmente e agir localmente" (itálico nosso). Princípio este que há anos se fala em Portugal mas que tem tido muita dificuldade em passar para a prática.

De futuro, todo o homem terá na sua vida responsabilidades educativas. Não podemos continuar à espera que outros resolvam aquilo que tem que ser resolvido em comunidade.

MARIA JOÃO MALHO



Precisamos de averiguar se a escola fez tudo o que devia para que o envolvimento parental tivesse lugar. Precisamos de abandonar os comportamentos tradicionais, as circunstâncias que levaram ao insucesso e deixar de limitar os encontros aos locais e às horas habituais. Daí, a importância de um relacionamento estável e permanente entre a família, a escola e a comunidade. As famílias e as comunidades servidas por cada escola concreta têm que, como consumidores, ser capazes de pressionar no sentido da mudança. Por isso, e como defende Davies (1994) é de importância fundamental

(Este texto foi elaborado a partir de uma comunicação apresentada no I Encontro Nacional dos Licenciados em Ciências da Educação que teve lugar em Leiria, a 29 e 30 de Setembro de 2006)

#### Referências Bibliográficas:

- Davies, D. (1994). Parcerias Pais-Comunidade-Escola três mensagens para professores e decisores políticos in *Inovação*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional. 7,3 (377-389).
- Malho, M. J. (1996). *Criança, família, escola - que relação?* (Trabalho académico feito para o ISPA)
- Marques, R. (1993). *A escola e os pais como colaborar?*, Lisboa. Texto Editora. 4ª ed.
- Roussel, L. (1992). "O futuro da família", *Sociologia - Problemas e Práticas*. Lisboa. CIES (11:165-179).